

# Trabalhadoras argentinas, bolivianas, paraguaias, peruanas e uruguaianas: minorias étnicas/nacionais discriminadas no Brasil?

Processo de produção de conhecimento: Resultado de investigação finalizada

Grupo de trabalho nº 8: Desigualdad, vulnerabilidad y exclusión social

Autores: Elaine Meire Vilela<sup>1</sup> e Cláudia Lima Ayer de Noronha<sup>2</sup>

## Resumo:

O objetivo desse ensaio é analisar a existência de desigualdades no mercado de trabalho brasileiro entre imigrantes argentinas, bolivianas, paraguaias, peruanas e uruguaianas, em comparação as migrantes interestaduais nativas, quanto à empregabilidade e aos rendimentos. Observamos que o mercado brasileiro é, parcialmente, gerador de desigualdades. Ao contrário do esperado, variáveis de origem das imigrantes não explicam, para todos os grupos, a situação no mercado local. Apenas bolivianas apresentam chances diferentes (215% a mais) de estarem empregadas e argentinas apresentam efeito significativo nos rendimentos (acréscimo de 16%), comparadas às migrantes nativas. Quanto à análise da discriminação, notamos que bolivianas, peruanas e argentinas têm seus atributos mais valorizados do que as brasileiras, recebendo mais comparado às seus atributos produtivos.

**Palavras – chave:** mercado de trabalho, imigrantes latinas, mulheres.

## 1. Introdução

O objetivo central desse ensaio é conhecer a participação das trabalhadoras latinas no mercado de trabalho brasileiro e a situação socioeconômica em que se encontram. Esse exercício torna-se importante por diversos motivos, entre eles: pela evidência de aumento na participação das mulheres nos movimentos migratórios (Sassen, 2011; Zavala e Morales, 2011); pelo crescimento da inserção dessas imigrantes no mercado de trabalho (Zavala e Morales, 2011); e principalmente, pela escassez de estudos sobre as mulheres imigrantes internacionais no mercado de trabalho brasileiro, em específico (Peres, 2009; 2012).

No caso do Brasil, até onde é do nosso conhecimento, são poucos os estudos que buscam analisar a situação das mulheres imigrantes internacionais no mercado de trabalho (Peres, 2009; 2012). Com o intuito de reduzir tal lacuna, propomos analisar a situação socioeconômica de argentinas, bolivianas, paraguaias, peruanas e uruguaianas no mercado de trabalho brasileiro. A seleção de tais origens étnicas<sup>3</sup> nacionais fundamenta-se no fato delas fazerem parte dos maiores fluxos de entrada no Brasil, nas últimas décadas, e de serem oriundas de uma mesma região geográfica que compartilha de um contexto socioeconômico similar, embora cada país de origem tenha suas especificidades.

Destacamos que o interesse da pesquisa é responder às seguintes questões: há desigualdade e discriminação no mercado de trabalho brasileiro entre essas imigrantes e as brasileiras nativas no que diz respeito à empregabilidade e ao rendimento salarial? Se há desigualdades, quem está em condições de empregabilidade e rendimentos melhores ou piores? Nesse sentido, origem é um fator de explicação de tais desigualdades?

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>2</sup> Mestranda do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>3</sup> Por grupo/ comunidade étnica definimos como indivíduos da mesma origem nacional, visto que Aldrich e Waldinger (1990) assumem que pessoas que compartilham da nacionalidade e experiência migratória podem ser agregadas em um mesmo grupo étnico.

Para a constituição de tais análises, utilizamos os dados oriundos do censo demográfico brasileiro de 2010. Estabelecemos uma subamostra de mulheres migrantes na faixa etária de 25 a 65 anos de idade. Além disso, entre as brasileiras, selecionamos apenas aquelas que são classificadas como imigrantes interestaduais.

Com base nesses objetivos, dividimos o trabalho em 4 partes, sendo a primeira relativa à literatura existente, em seguida são apresentados os modelos estatísticos e os dados utilizados e, por fim, os resultados e as conclusões obtidos a partir das análises.

## 1. Revisão da literatura

O interesse pelo estudo da migração feminina é muito recente e tem o seu início a partir da constatação do aumento nos fluxos migratórios de mulheres e crescente participação feminina no mercado de trabalho (Peres, 2009; Robert, 2011; Zavala e Morales, 2011). Nesse contexto, os estudos demonstram que, em geral, as mulheres imigrantes tendem a se inserir em empregos na economia informal do mercado de trabalho de destino (Zavala e Morales, 2011). Robert (2011) mostra que a maioria das mulheres estrangeiras assume ocupações no setor de “cuidados” (empregadas domésticas, babás e cuidados com idosos) e um número menor se insere nos setores de serviço, da indústria e da agricultura. Exemplos são as imigrantes (latinas, principalmente) na Espanha que ingressam como trabalhadoras domésticas, babás e enfermeiras (Ariza, 2008; Zavala e Morales, 2011), ou as filipinas no Oriente Médio, Estados Unidos e Europa que se tornam também enfermeiras e domésticas (Sassen, 2011); ou ainda as empregadas domésticas mexicanas nos EUA (Zavala e Morales, 2011). John e Mandamba (2001), também, evidenciam que mulheres hispânicas nos EUA têm uma taxa de desemprego 1,5 vezes maior do que as mulheres nativas brancas.

Segundo Ariza (2008), o fenômeno de crescimento da inserção de mulheres imigrantes, sobretudo, no setor informal da economia e em ocupações de serviço doméstico é uma consequência inesperada do processo de globalização em curso. Isso porque há uma crescente demanda por trabalhadoras nos serviços domésticos, principalmente nas economias de países desenvolvidos, em razão dos seguintes fatores: a) tendência de terceirização do mercado de trabalho; b) o envelhecimento da população e o crescimento dos serviços de “cuidado” (Ariza, 2008).

Entretanto, há evidências de que as mulheres migrantes também se enveredam no mundo dos negócios tornando-se empresárias. “Nos Estados Unidos, 28% dos negócios étnicos são de propriedade de mulheres. No caso das mulheres hispânicas, 34% de todos os negócios são elas que dominam” (Zavala e Morales, 2011: 197). Além disto, a literatura sobre a inserção do imigrante internacional (homens ou mulheres) no mercado de trabalho da sociedade hospedeira argumenta que o trabalhador imigrante, que está inserido em uma economia étnica<sup>4</sup>, pode estar em melhor situação do que aquele que se estabelece no mercado aberto competitivo com o trabalhador nativo (Wilson e Martin, 1982; Portes e Manning, 2008; Kesler e Hout, 2010)<sup>5</sup>.

Sob essa perspectiva, alguns estudos têm verificado que a formação de negócios étnicos por mulheres pode constituir uma alternativa para mobilidade social e saída dos setores de trabalho tradicionalmente reservados às imigrantes, como de limpeza, serviços domésticos e de cuidados (Zavala e Morales, 2011). Barros (2006) investiga o desenvolvimento dos pequenos negócios empreendidos por mexicanas na área rural da Califórnia e identifica que várias mulheres obtêm êxito em seus negócios. Para tanto, elas acionam os contatos sociais de co-étnicos existentes na

<sup>4</sup> Estão inscritas na economia étnica as empresas de posse de imigrantes ou por eles controladas ou que empregam membros da comunidade étnica, em números significativos, independente do tipo de negócio, dimensão da empresa e concentração espacial (Zhou, 2004). Isto é, pode ser entendido como o caso das empresas onde se concentra uma proporção significativa de trabalhadores de um mesmo grupo étnico/nacional ou se observa a presença de proprietários e/ou diretores/ gerentes estrangeiros.

<sup>5</sup> Vale lembrar que há alguns pesquisadores que argumentam que a entrada na economia étnica é apenas uma fuga ao desemprego; e/ou a permanência em tal economia dificulta a assimilação de imigrantes, diminuindo a taxa de aquisição de capital humano (por exemplo, a linguagem) acarretando em perdas salariais e de mobilidade social (Sanders e Nee, 1987; Chiswick, 1999; Nee e Sanders, 2001).

região de destino e as novas redes de conhecidos formados, sobretudo, nas escolas dos filhos e nas igrejas.

Oso e Rivas (2007) realizam uma investigação semelhante à de Barros (2006) com imigrantes dominicanas em Madri e com marroquinas em Barcelona. As autoras descobrem que as dominicanas em Madri normalmente se inserem no mercado de trabalho como empreendedoras no ramo de cabelereiras, já que essa ocupação não exige grande investimento em capital humano (escolaridade e experiência), mas apresenta alta demanda do serviço no mercado local. Já as marroquinas tendem a instalar barracas para venda de comidas e produtos étnicos. Com base nesses estudos, as autoras concluíram que essas mulheres usam os negócios como estratégia para saída de nichos de empregos domésticos, mas as mulheres casadas, também, utilizam essas empresas como um projeto para auxiliar os maridos na renda familiar. A inserção das mexicanas em Phoenix nos Estados Unidos, segundo os estudos de Zavala e Morales (2011), também apresentam resultados similares. Essas mulheres apresentam tendência de empreender negócios no nicho ocupacional de lojas de roupas ou serem empregadas nessas empresas.

No que diz respeito aos estudos brasileiros relativos à entrada das mulheres estrangeiras no mercado de trabalho local, existem ainda poucas pesquisas desenvolvidas sobre o tema. Dentre os estudos já realizados, Peres (2009) investiga a entrada de imigrantes bolivianas em Corumbá (MS) e identifica que, assim como nos estudos internacionais, a inserção ocorre, principalmente, em atividades informais. O maior contingente de mulheres bolivianas preenche ocupações no comércio, exercendo a função de “sacoleiras”, devido a três fatores, de natureza econômica e histórica: a) a cidade de Corumbá apresenta historicamente uma economia ligada ao comércio; b) nas culturas andinas, o comércio é uma atividade desvalorizada e, portanto em maior número, exercida por mulheres; e c) a localização fronteiriça entre Corumbá e o departamento de Santa Cruz da Bolívia favorece a imigração. Esse conjunto de fatores contribui para que a entrada de mulheres bolivianas supere o número de homens nessa localidade. Destaca-se, porém, que o estudo de Peres (2009) apresenta algumas limitações, na medida em que adota uma abordagem qualitativa sem possibilidade de generalização para mesmo as bolivianos em São Paulo, por exemplo, e realiza um recorte de grupo étnico (enfoca somente as bolivianas) e de mercado de destino (apenas o mercado da cidade de Corumbá).

Em contrapartida, a presente pesquisa se aproxima da iniciativa de Sala (2005) que analisa as características demográficas e sócio-ocupacionais dos migrantes<sup>6</sup> nascidos nos países do Cone Sul residentes no Brasil no período de 1980-2000. Apesar da discussão relacionada ao gênero não ser foco de interesse da autora, o estudo traz evidências de mudanças da presença feminina nas correntes migratórias. No que se refere às argentinas, é notada uma redução proporcional dentre o total de imigrantes latinas, de 26,7% em 1980 para 21,7% em 2000. Por outro lado, as paraguaias aumentam de 17,5% para 27,8% e as demais mantêm as médias. Sobre o nível educacional, bolivianas, paraguaias e uruguaias são identificadas como especialmente vulneráveis, pelo baixo nível educacional e pelos níveis elevados de inserção em empregos de má qualidade. Entre as mulheres ocupadas em 2000, as paraguaias se concentram no ramo de serviços domésticos (assim como as brasileiras nativas), as argentinas no ramo da educação, as bolivianas na indústria de transformação e as uruguaias no comércio e reparação de veículos automotores, de objetos pessoais e domésticos. Quanto à ocupação, a maioria das argentinas é classificada como profissionais da ciência e artes; já bolivianas, paraguaias e uruguaias inserem em ocupações de trabalhadoras de serviços e vendedoras de comércio. No que diz respeito à compatibilidade entre escolaridade e o requerimentos educacionais médios das ocupações entre as trabalhadoras latinas, apenas entre as paraguaias é observada uma proporção menor de trabalhadoras sobreescolarizadas<sup>7</sup> do que os nascidos no Brasil.

---

<sup>6</sup> Argentinos, Peruanos, Bolivianos, chilenos, paraguaios e uruguaios.

<sup>7</sup> Existe no mercado de trabalho brasileiro uma tendência dos trabalhadores serem sobreescolarizados, em relação aos requerimentos médios educacionais das ocupações, porque a crescente oferta de pessoas mais escolarizadas não é, adequadamente, absorvida pelo mercado de trabalho (Sala, 2005).

Com relação também à inserção do imigrante internacional no mercado de trabalho brasileiro, há os estudos de Vilela *et al* (2012) e Vilela (2011), mas esses focam apenas nos imigrantes homens. No que diz respeito à origem étnico/nacional, essas pesquisas indicam a existência de desvantagens no mercado de trabalho brasileiro entre os grupos minoritários de migrantes (brasileiros não brancos migrantes ou os grupos étnicos de bolivianos, paraguaios, peruanos e uruguaios), quando comparados ao grupo “majoritário” (brasileiros brancos migrantes). Os achados principais são de que no Brasil, latinos e nativos negros, comparados aos nativos brancos, se encontram em desvantagem no mercado de trabalho. Porém, ao contrário de outras sociedades, como os EUA (verificar, por exemplo, Tienda e Lii, 1987, Borjas, 2006), em geral, os brasileiros negros apresentam menor desvantagem no mercado de trabalho do que os bolivianos, paraguaios, peruanos e uruguaios, frente ao grupo majoritário de brasileiros brancos (Vilela *et al*, 2012). Esses trabalhos também sugerem que latinos - bolivianos e paraguaios - estão em condição pior no mercado de trabalho do que os brasileiros em geral (Sala, 2005; Vilela, 2011). Por outro lado, coreanos, chineses e argentinos, comparados aos brasileiros, estão em melhores situações ocupacionais e têm melhores rendimentos (Vilela, 2011).

Ademais, como referido anteriormente, Sala (200) e Vilela *et al* (2012) não realizam discussões específicas sobre as mulheres. Diante dessa lacuna, esse artigo pretende avançar sobre os estudos acerca da inserção das imigrantes internacionais no mercado de trabalho brasileiro e investigar, de maneira comparativa, a existência de desigualdades quanto à empregabilidade e aos rendimentos das latinas, contribuindo para identificação de possíveis discriminações em relação a esses grupos étnicos. Para tanto, a literatura indica algumas dimensões que devem ser controladas.

No que se referem às características individuais das trabalhadoras, variáveis de capital humano<sup>8</sup>, como nível educacional e experiência no mercado de trabalho, são importantes fatores de impacto sobre a condição do indivíduo no mercado de trabalho. A teoria do capital humano indica que quanto maior o nível educacional, maior experiência e investimentos em saúde acarretam em maior participação no mercado de trabalho, melhor posição sócio-ocupacional e melhores rendimentos (Borjas, 1994). Outra característica considerada importante pela teoria do capital humano é a proficiência na língua oficial do destino que é mensurada na maioria dos estudos existentes por meio da *proxy* relativa ao tempo de permanência do imigrante no local de destino<sup>9</sup>.

A inserção das mulheres na força de trabalho apresenta, também, especificidades do trabalho feminino, levando em conta o papel que as mulheres ocupam na família e na reprodução. Nesse sentido, a teoria do capital humano também indica a necessidade de incorporar informações sobre o número de filhos. Segundo essa perspectiva, as mulheres com filhos possuem salários menores que as mulheres que não são mães, já que a maternidade as deixam menos produtivas no trabalho, visto que o cuidado com os filhos, sobretudo, quando não há divisão conjugal no trabalho doméstico, faz com que as mulheres se dediquem menos ao trabalho para lidar com as atividades da maternidade (Dias Júnior, 2007).

---

<sup>8</sup> A teoria do capital humano defende que existem variáveis relacionadas à formação do trabalhador, em especial a escolaridade, que interferem na homogeneidade da mão de obra e, conseqüentemente, determinam os rendimentos dos trabalhadores. Essa teoria parte do princípio de que, assim como uma empresa investe em capital financeiro para garantir algum retorno ou benefício no mercado, os indivíduos também investem em recursos para elevar sua produtividade (Becker, 1962). Nessa perspectiva, Becker (1962) e Mincer (1958) desenvolveram trabalhos de referência para teoria do capital humano, concluindo que as diferenças de remuneração entre os trabalhadores tendem a se tornar mais acentuadas em função da existência de níveis diferenciados de experiência profissional, treinamento e qualificação.

<sup>9</sup> Borjas (1994) chama atenção para o fato de que, ao se adicionar a variável habilidade lingüística no modelo, há uma redução no estimador de anos de residência no país de destino, dada a correlação entre tais variáveis. Por isso, em um modelo de regressão em que proficiência na língua de destino não é mensurada, o estimador da variável tempo de residência acaba sendo sobreestimado. Além disto, o autor sugere que o efeito de habilidade lingüístico pode ser endógeno aos salários e que, nesse caso, variáveis instrumentais deveriam ser usadas. Mesmo que o efeito seja exógeno, habilidade lingüística pode estar correlacionada com enclave étnico. Isto é, habilidade lingüística do local de destino não tem o mesmo peso para imigrantes inseridos em enclaves étnicos e para aqueles fora do enclave.

Em seguida, a teoria da assimilação, também, chama atenção para questões referentes ao tempo de residência do imigrante no local de destino e incorpora a análise referente à idade do estrangeiro ao imigrar. De acordo com essa teoria, quanto maior o tempo de residência no país, maior seria a integração do trabalhador estrangeiro e conseqüentemente, melhor seriam os resultados socioeconômicos no mercado de trabalho (Van Tubergen, Maas e Flap, 2004). Porém, estudos discordam desse processo de assimilação, afirmando que maior tempo de residência não necessariamente levaria a resultados mais elevados no mercado de trabalho (Reyneri e Fullin, 2009).

Outro aspecto enfatizado para análise do desempenho do imigrante no mercado de trabalho é a cidadania. Estudos mostram que a naturalização não só proporciona acesso a um vasto grupo de postos de trabalho, especialmente cargos públicos os quais não são permitidos a profissionais não-nacionais, mas também é indicativo do grau de integração do imigrante na sociedade hospedeira (Fleischmann e Dronkers, 2010). Ainda com relação às características individuais, a cor/raça do trabalhador é destacada pela literatura de estratificação social como sendo importante elemento a ser considerado. Os estudos de desigualdades raciais (Silva, 1981; Hasenbalg e Valle Silva, 2003; Ribeiro, 2006; 2007) verificam que o negro brasileiro, comparado ao branco, está em desvantagem quanto ao alcance educacional, de status ocupacional e de rendimentos<sup>10</sup>.

A origem nacional do indivíduo é também evidenciada como um importante fator que deve ser controlado nas pesquisas (Van Tubergen, Maas e Flap, 2004; Portes e Manning, 2008). Esses estudos confirmam que há vários modos de incorporação dos imigrantes no mercado de trabalho e que nem todos estão em uma situação permanente de exploração e inferioridade dado sua origem nacional, sendo, portanto, necessária à incorporação da origem nacional do imigrante nas análises.

Outro ponto a considerar é a distância social que nativos sentem em relação aos imigrantes, medida em vários estudos a partir da religião como *proxy* (Portes e Rumbaut, 2001; Van Tubergen, Maas e Flap, 2004). De acordo com Portes e Rumbaut (2001), o grau de distância social concorda com a distinção em cultura, aparência física e *background* socioeconômico. Nesse sentido, argumenta-se que distância social entre nativos e grupos de imigrantes resulta em discriminação no mercado de trabalho.

Um número cada vez maior de estudos ressalta, também, a importância de características dos mercados de trabalho de destino para análise do desempenho dos imigrantes (Fleischmann e Dronkers, 2007). Há evidências, para homens, de que a composição dos grupos de imigrantes em termos de habilidades não observadas (como talentos e motivação), é determinada pela extensão da desigualdade de renda nos países de origem e destino (mensurada, em geral, pelo GINI<sup>11</sup>). Em sociedade que tem uma distribuição de renda muito assimétrica, emigração tende a tornar-se concentrada entre os menos talentosos, o que acarretará em penalidades no mercado de trabalho de destino (Van Tubergen, Maas *et al.*, 2004; Fleischmann e Dronkers, 2010). Esses pesquisadores ainda têm sugerido que a seleção de imigrantes qualificados está associada com o nível de desenvolvimento econômico nos locais de destino e de origem (o PIB é utilizado como *proxy* – per capita).

Ainda de acordo com as características do mercado de trabalho, Piore (1979) indica a necessidade de controle da demanda por trabalhos desqualificados e da taxa de desemprego no local de destino. A ideia é que, em locais onde há uma maior demanda por trabalhos de mais baixa qualificação, os membros de grupos minoritários, até mesmo indivíduos de mais alto nível educacional, não tenham muitas expectativas ocupacionais e acabem aceitando esses tipos de empregos, que são rejeitados por pessoas do grupo majoritário, acarretando desvantagem no mercado de trabalho para eles.

A partir das considerações teóricas e conceituais abordadas acima, buscamos verificar se há diferenças significativas nos resultados de participação no mercado de trabalho e de rendimentos salariais entre as mulheres latinas, em comparação às brasileiras.

<sup>10</sup> Os estudos de estratificação também demonstram que as desigualdades em relação ao negro veem diminuindo ao longo do tempo, sobretudo, as desigualdades educacionais (Silva, 1981; Hasenbalg, 2003; Ribeiro, 2007).

<sup>11</sup> Mede o grau de desigualdade na distribuição de renda entre ricos e pobres.

## 2. Os dados e os modelos analíticos

Para realização do estudo, utilizamos dados do censo demográfico de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Estatística, 2010). Os dados referem-se à subamostra de mulheres ocupadas e desocupadas, entre 25 a 60 anos<sup>12</sup>, de cinco grupos de imigrantes: argentinas, bolivianas, paraguaias, peruanas e uruguaias. A seleção de tais origens étnicas nacionais fundamenta-se no fato delas fazerem parte dos maiores fluxos<sup>13</sup> de entrada no Brasil, nas últimas décadas, e de serem oriundas de uma mesma região geográfica que compartilha de um contexto socioeconômico similar.

Compõe também a subamostra desse estudo, as brasileiras natas migrantes interestaduais<sup>14</sup>, ou seja, as mulheres que não residiam no mesmo estado de nascimento na data do censo (2010). Essa seleção de brasileiras migrantes fundamenta-se no pressuposto de que as pessoas que migram têm características próprias que as diferem dos não-migrantes, baseado na ideia de “auto-seletividade positiva”, isto é, migrantes teriam características diferenciadoras; em geral, seriam pessoas mais talentosas, ambiciosas, trabalhadoras e educadas do que indivíduos que escolhem permanecer em seus lugares de origem<sup>15</sup> (Chiswick, 1999). No Brasil, Santos Júnior *et al* (2005) verificam que os homens migrantes internos são positivamente selecionados, tanto em relação à população de origem quanto à de destino. A partir dessa ideia, pressupomos que as brasileiras migrantes interestaduais aproximam-se das características das imigrantes internacionais. Dessa forma, a amostra<sup>16</sup> utilizada nesse estudo contém 5.425.912 brasileiras migrantes (99,5%), 7.539 bolivianas (0,14%), 6.536 paraguaias (0,12%), 2.569 peruanas (0,05 %), 4.912 uruguaias (0,09%) e 4.994 argentinas (0,09%) somando um total de 5.452.464 casos.

Antes de entrarmos propriamente nos modelos de análise, apresentamos as variáveis que os constituem. O quadro 1 sintetiza as variáveis utilizadas nos modelos, com suas formas e descrições.

<sup>12</sup> A idade mínima de 25 anos foi definida porque, em geral, pessoas nessa faixa etária têm grande probabilidade de já terem concluído seus estudos, estando mais propensas a estarem inseridas no mercado de trabalho; a idade máxima de 60 anos deve-se ao fato de ser esta a idade de aposentadoria das mulheres no Brasil no ano de 2010. Esta ideia não descarta aquelas que estudam e trabalham ao mesmo tempo, mas tenta evitar que classifiquemos, como desocupados, os indivíduos que estejam estudando e não trabalhando.

<sup>13</sup> Considerando homens e mulheres, conjuntamente.

<sup>14</sup> A escolha dos imigrantes interestaduais, no lugar dos intermunicipais, partiu da ideia de que pode haver uma maior semelhança entre imigrantes internacionais e imigrantes internos interestaduais, quanto às características pessoais ou grupais dos imigrantes, uma vez que a migração para outro estado da federação apresenta maiores dificuldade, custo e riscos (assim como a imigração internacional) do que uma migração para outro município, em um mesmo estado.

<sup>15</sup> Ressaltamos o fato de que tal abordagem está focada na análise de imigrantes trabalhadores e não em imigrantes refugiados, ou que buscam reunificação familiar. Tal pressuposto fundamenta-se nos informações da Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2010) de que são cerca de 90% dos imigrantes que estão em atividade no mercado de trabalho nos destinos. Chiswick (1999) afirma que a seletividade favorável para imigrantes é menos intensa entre os imigrantes que se guiam por motivos diferentes do sucesso econômico, tais como: acompanhamento de familiares; fuga de perseguições políticas ou religiosas; caráter ideológico, entre outros.

<sup>16</sup> Foram retiradas as mulheres inativas, representando 44% do total do banco de dados.



**Tabela 1** – Descrição das variáveis usadas na estimação dos modelos logístico e linear.

<i>Variável</i>	<i>Tipo</i>	<i>Descrição</i>
<b>Variáveis dependentes</b>		
<i>LnSal</i>	Contínua	Logaritmo do salário mensal no trabalho principal
<i>Empregado</i>	Binária	1 = empregado / 0= desempregado
<b>Variáveis de teste</b>		
<b>Origem</b>		
<i>Boliviana</i>	Binária	1 = boliviana / 0= brasileira migrante branca
<i>Paraguaia</i>	Binária	1 = paraguaia / 0= brasileira migrante branca
<i>Peruana</i>	Binária	1 = peruana / 0= brasileira migrante branca
<i>Uruguaia</i>	Binária	1 = uruguaia / 0= brasileira migrante branca
<i>Argentina</i>	Binária	1 = argentina / 0= brasileira migrante branca
<b>Variáveis de controle</b>		
<i>Idade_cen</i> <sup>17</sup>	Contínua <sup>18</sup>	Idade do indivíduo, em anos, centralizada <sup>19</sup> *
<i>Idade_cen2</i>	Contínua	Idade do indivíduo, em anos, centralizada ao quadrado
<i>Cidadania</i>	Binária	1 = cidadão brasileiro ou naturalizado / 0 = estrangeiro
<i>Urbano</i>	Binária	1 = Urbano / 0 = Rural
<b>Educação</b>		
<i>Educ1</i>	Binária	1=Sem instrução ou fundamental incompleto /0 = Superior completo
<i>Educ2</i>	Binária	1- Fundamental completo ou médio incompleto/ 0 = Superior completo
<i>Educ3</i>	Binária	1= Médio completo ou superior incompleto/ 0 = Superior completo
<i>Lnhtrab</i>	Discreta	Logaritmo horas trabalhadas por semana
<i>N_Filhos</i>	Discreta	Número de filhos, por mulher
<i>Fatdef</i>	Binária	1= Possui deficiência / 0 = Não possui deficiência
<i>Idademigra</i>	Discreta	Idade do indivíduo ao migrar, em anos
<i>Tempora</i>	Discreta	Tempo de residência no destino, em anos
<b>Posição no domicílio</b>		
<i>Responsável</i>	Binária	1= Responsável/ 0 = Outra posição no domicílio
<b>Estado civil</b>		
<i>Solteiro</i>	Binária	1 = Solteiro / 0 = Casado/separado/viúvo
<b>Religião</b>		
<i>Protestante</i>	Binária	1 = Protestante / 0 = Católico
<i>Semrelig</i>	Binária	1 = Sem religião / 0 = Católico
<i>Outrarelig</i>	Binária	1 = Outra religião / 0= Católico
<i>Empreendedor</i>	Binária	1 = Trabalhador conta própria ou empregador 0 = Não é trabalhador conta própria ou empregador
<i>Pib_destino</i>	Contínua	Pib per capita do estado de destino

Quanto aos métodos estatísticos, utilizamos dois modelos: regressão logística binomial e regressão linear múltipla. Quanto ao primeiro modelo, o de regressão logística, objetiva a analisar a probabilidade das imigrantes estarem empregadas. Nesse modelo a variável resposta é binária,

<sup>17</sup> A idade é usada aqui como *proxy* de experiência no mercado de trabalho.

<sup>18</sup> Para solucionar o problema de autocorrelação entre a variável referente à idade e à idade ao quadrado, foi realizada a centralização dessas variáveis, que consiste na subtração da idade pelo valor de sua média da amostra analisada (sendo essa a idade centralizada).

<sup>19</sup> Originalmente, a variável referente à idade era discreta, no intervalo de 25 a 65, após a centralização foi obtido um intervalo contínuo de dados de -15,76 a 24,24 anos. O mesmo se dá com a variável *idade\_cen2*, que varia de 0,0576 a 58,57.

onde 1 significa que a pessoa está inserida no mercado e 0 refere-se às que estão desempregadas, conforme equação abaixo:

$$\text{Log} \left[ \frac{P}{1-P} \right] = \beta_0 + \beta_1 X_1 + \dots + \beta_k X_k + \varepsilon$$

Onde,

P = probabilidade de Y = 1 (do indivíduo estar empregado)

1 - P = probabilidade de Y = 0 (do indivíduo estar desempregado)

$\beta_0$  = probabilidade de ocorrência do evento quando todo X (variáveis independentes) for igual a zero (intercepto)

$\beta_1 X_1 + \dots + \beta_k X_k$  = variação do efeito das variáveis explicativas (*argentina, paraguaia, peruana, uruguaia, boliviana, urbano, idade, educação, fatdeficiencia, idademigrar, cidadania, n\_filhos, tempomora, solteira, responsável, semreligiao, protestante, outrareligiao, Pibdes*) sobre a probabilidade de ocorrência do evento (inclinação).

$\varepsilon$  = erro estocástico

Já com a regressão linear múltipla<sup>20</sup> pretendemos identificar o efeito das variáveis explicativas nos salários das trabalhadoras. Nesse modelo, a variável resposta é o logaritmo do salário do trabalhador e as variáveis e teste são as origens das trabalhadoras, conforme equação abaixo:

$$Y = \beta_0 + \beta_1 X_1 + \dots + \beta_k X_k, \text{ select } (\text{Log } P/1-P = \beta_0 + \beta_2 X_2 + \dots + \beta_j X_j) + \varepsilon$$

Y = logaritmo do salário

$\beta_0$  = salário da trabalhadora quando todo X (variáveis independentes) for igual a zero (intercepto).

$\beta_1 X_1 + \dots + \beta_k X_k$  = o efeito das variáveis explicativas do modelo linear (*argentina, paraguaia, peruana, uruguaia, boliviana, urbano, idade, educação, lhorastrab, fatdeficiencia, idademigrar, cidadania, n\_filhos, tempomora, solteira, responsável, semreligiao, protestante, outrareligiao, trabdesqualificado, empreendedora, Pibdes*) sobre a o salário da trabalhadora (inclinação da reta).

$\beta_2 X_2 + \dots + \beta_k X_k$  = efeito das variáveis explicativas (*argentina, paraguaia, peruana, uruguaia, boliviana, urbano, idade, educação, fatdeficiencia, idademigrar, cidadania, n\_filhos, tempomora, solteira, responsável, semreligiao, protestante, outrareligiao, Pibdes*)

$\varepsilon$  = erro estocástico

Após a verificação do efeito da origem nos rendimentos das trabalhadoras migrantes, é avaliada a existência de discriminação das imigrantes internacionais, comparadas às brasileiras. A

<sup>20</sup> Para o modelo de análise do logaritmo de rendimento salarial foi realizado um teste, sugerido por Heckman (1979), para controle do viés de seleção da amostra. O resultado do modelo foi estatisticamente significativo, indicando a existência de viés para o mercado de trabalho brasileiro. No caso desse estudo, o viés ocorre quando se seleciona apenas os casos de indivíduos que trabalham, excluindo os desempregados, já que segundo o autor, os indivíduos que estão fora do mercado de trabalho têm motivos não observados que, indiretamente, podem influenciar os salários daqueles que estão empregados. Para corrigir esse viés, é utilizado um modelo de regressão com duas equações simultâneas, uma linear e uma *logit*.



metodologia consiste na decomposição dos diferenciais de salário através do método proposto por Oaxaca- Blinder<sup>21</sup> (1973), apresentado na seguinte expressão:

$$D = [(\beta_0^b - \beta_0^{imj}) + \sum [\bar{X}_{imj}(\beta_k^b - \beta_k^{imj})]$$

$D$  é a diferença do logaritmo dos salários médios, entendida como a medida da discriminação;

$\beta_0^b$  é o intercepto da equação estimada para brasileiras;

$\beta_0^{imj}$  é intercepto da equação estimada para as imigrantes internacionais do país  $j$ ;

$(\beta_0^b - \beta_0^{imj})$  é a diferença nos rendimentos entre os grupos em comparação, quando se assume um mesmo valor para todas as variáveis explicativas.

$\sum [\bar{X}_{imj}(\beta_k^b - \beta_k^{imj})]$  é o termo que indica a existência de valorização desigual de um mesmo atributo (pessoal ou produtivo). É realizado o somatório das médias das variáveis independentes, para cada grupo de imigrante, multiplicadas pela diferença entre os coeficientes dos estimadores das variáveis (independentes) do grupo de brasileiras e do grupo de imigrantes. Um valor positivo indica que os atributos e características das brasileiras são mais valorizados do que aqueles dos imigrantes originários do país  $j$ .

A soma dos dois termos acima refere-se à diferença nos rendimentos entre brasileiras e imigrantes que não é explicada pelos atributos pessoais e produtivos. Esse é o componente residual, que é denominado de “componente discriminatório” ou “discriminação”<sup>22</sup>.

### 3. Resultados

A partir dos resultados apresentados na tabela 1, sobre as proporções médias de trabalhadoras ocupadas, verificamos que todos os grupos de imigrantes apresentam maiores níveis de participação no mercado de trabalho, comparado às brasileiras, com exceção das peruanas que não apresentam resultado estatisticamente significativo. Dentre os grupos observados, as bolivianas têm maior proporção de mulheres empregadas no mercado brasileiro (97%). Quanto ao salário das trabalhadoras ocupadas, peruanas, uruguaias e argentinas têm rendimentos superiores ao das brasileiras. Já bolivianas e paraguaias não têm diferenças salariais significativas em relação às nativas.

**Tabela 2** – Análise não controlada das diferenças nas proporções de trabalhadores ocupados (Teste Z) e nos salários dos trabalhadores ocupados (Teste T)

Origem	Proporção de imigrantes empregadas	Média Salarial das trabalhadoras
Brasileira	0,920	R\$ 1.101,75
Boliviana	0,974***	R\$ 1.145,62
Paraguaia	0,938**	R\$ 958,93
Peruana	0,946	R\$1.929,01***
Uruguia	0,941**	R\$1.427,80**
Argentina	0,954**	R\$2.202,66***

<sup>21</sup> Essa decomposição é resultante de estimativas de regressões de rendimentos, sendo as diferenças referentes ao componente discriminatório (Oaxaca – Blinder, 1973).

<sup>22</sup> Destacamos aqui que a análise do componente de discriminação deve ser cautelosa. Isto porque a precisão nas conclusões de origem como fator discriminatório depende diretamente da especificação utilizada nas equações dos rendimentos. Ou seja, o componente discriminatório é aquele que não é explicado por nenhuma das variáveis utilizadas no modelo. Dessa forma, quanto maior o número de inserção de variáveis importantes para explicarem os salários, menor o componente discriminatório.

Fonte: IBGE, Censo demográfico 2010 (sub-amostra). Dados trabalhados pelas autoras.

\*\* significativa ao nível de 5% \*\*\*significante ao nível de 1%

Sobre a distribuição por grupos ocupacionais<sup>23</sup>, observa-se que a maioria das brasileiras (28,6%) e das paraguaias (35,2%) se insere no mercado local como profissionais elementares (trabalhadoras domésticas, de limpeza, vendedores ambulantes, coletoras de lixo, dentre outros); as bolivianas (39,8%) como operadoras de instalações e máquinas e montadoras; as peruanas (32,6%) e as argentinas (31,4) como profissionais da ciência e intelectuais; e as uruguaias (25,4%) como trabalhadoras de serviços, vendedoras dos comércios e mercados. Esses resultados seguem a tendência observada por Sala (2005) no estudo sobre as características sócio-ocupacionais dos migrantes dos países do Cone Sul, residentes no Brasil de 1980-2000.

A seguir, interessa-nos identificar às diferenças de rendimentos entre os grupos, controladas pelas características individuais das trabalhadoras e dos mercados de origem e destino do migrante, com intuito de verificar se a origem das trabalhadoras explicam tais diferenças.

**Tabela 3** – Distribuição das trabalhadoras imigrantes empregadas por grupos ocupacionais – em porcentagem (%)

Fonte: IBGE, Censo demográfico 2010 (sub-amostra). Dados trabalhados pelas

<b>Grupos ocupacionais</b>	<b>Brasileira</b>	<b>Boliviana</b>	<b>Paraguaia</b>	<b>Peruana</b>	<b>Uruguiaia</b>	<b>Argetina</b>	<b>Total</b>
Membro das forças armadas, policiais e bombeiros militares	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	<b>0,1</b>
Gerentes e diretores	3,6	3,0	3,5	5,4	5,5	8,4	<b>3,7</b>
Profissionais da ciência e intelectuais	11,9	11,1	6,8	32,6	18,6	31,4	<b>11,9</b>
Técnicos e profissionais do ensino médio	4,9	2,6	2,1	1,6	4,7	7,9	<b>4,9</b>
Trabalhadores de apoio administrativo	5,9	1,2	3,3	4,3	6,8	6,0	<b>5,9</b>
Trabalhadores de serviços, vendedores dos comércios e mercados	20,0	14,5	18,7	27,8	25,4	16,6	<b>20,0</b>
Trabalhadores da agropecuária, florestais, da caça e da pesca	3,2	0,6	4,8	1,6	0,6	2,2	<b>3,2</b>
Trabalhadores qualificados, operários, artesãos da construção, das artes mecânicas e de outros ofícios	2,9	6,4	4,8	2,7	3,5	4,8	<b>3,0</b>
Operadores de instalações e máquinas e montadores	5,0	39,8	9,8	2,1	3,7	1,4	<b>5,1</b>
Profissionais elementares	28,6	12,9	35,2	10,2	19,7	11,0	<b>28,6</b>
Ocupações mal definidas	13,8	8,0	11,1	11,8	11,7	10,3	<b>13,7</b>
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

autoras.

As estimações realizadas por meio das regressões logísticas indicam que, em geral, a origem do trabalhador não se apresenta como uma variável estatisticamente significativa para explicar a inserção do imigrante no mercado de trabalho brasileiro. Os resultados apontam que, dentre os grupos analisados nesse estudo, apenas as imigrantes de origem boliviana apresentam diferentes chances de estarem empregadas, em comparação às trabalhadoras nativas. Para esse grupo, há 215% a mais de probabilidade das imigrantes estarem inseridas no mercado local. Para as demais imigrantes, não há evidências de desigualdades quanto à participação no mercado de trabalho explicadas pela origem das trabalhadoras.

<sup>23</sup> Segundo a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) utilizada pelo IBGE.

**Tabela 4** – Exponenciais dos estimadores (EXP(b)) das equações logísticas binomial para análise da empregabilidade

Origem	(EXP(b))
Boliviana	3,150**
Paraguaia	1,518
Peruana	2,382
Uruguaia	0,933
Argentina	1,140

Fonte: IBGE, Censo demográfico 2010 (sub-amostra). Dados trabalhados pelas autoras.

\*\*\* significativo ao nível de 1%; \*\* significativo ao nível de 5%

\*\*\*\*Para determinar o efeito de cada variável em termos percentuais, basta realizar o seguinte

cálculo  $[\text{Exp}(b)-1]*100$

Ao analisarmos a situação dos grupos quanto aos rendimentos, verificamos que a variável origem também não tem efeito para maioria das imigrantes pesquisadas. Isto é, em geral, no mercado brasileiro ser paraguaia, boliviana, peruana ou uruguaia, não apresenta efeito estatisticamente significativo nos salários dessas imigrantes, em comparação às migrantes nativas. A exceção é encontrada para as argentinas que apresentam, em média, acréscimo de 16% nos rendimentos. Destaca-se que os estudos de Vilela (2011), também, evidenciam que argentinos (homens), comparados aos brasileiros, apresentam melhores rendimentos no mercado de trabalho.

Entretanto, ao contrário do esperado, os demais grupos étnicos não apresentam efeito em seus rendimentos explicados pelas respectivas origens. No modelo estatístico utilizado<sup>24</sup>, outras variáveis explicativas, como educação, número de filhos, tempo de moradia, estado civil, situação do domicílio, religião e posição no domicílio, mostraram-se estatisticamente significantes para explicar a variação da renda das mulheres. Nesse sentido, sugerem-se outros estudos, para detalhar os efeitos dessas variáveis.

**Tabelas 5** – Exponenciais dos estimadores (EXP(b)) do modelo linear do logaritmo do salário mensal do trabalho principal no mercado brasileiro

Origem	(EXP(b))
Boliviana	1,040
Paraguaia	0,997
Peruana	1,060
Uruguaia	1,031
Argentina	1,160**

Fonte: IBGE, Censo demográfico 2010 (sub-amostra). Dados trabalhados pelas autoras.

\*\*\* significativo ao nível de 1%; \*\* significativo ao nível de 5%

\*\*\*\*Para determinar o efeito de cada variável em termos percentuais, basta realizar o seguinte

cálculo  $[\text{Exp}(b)-1]*100$

Por fim, com o objetivo de melhor avaliar a condição socioeconômica ocupacional dessas imigrantes no país, investigamos a existência ou não e a intensidade de discriminação no mercado

<sup>24</sup> Ver apêndice 2.

de trabalho para esses grupos. Observamos que, comparado às brasileiras, as bolivianas, as peruanas e as argentinas apresentaram coeficientes estatisticamente significantes, indicando a ocorrência de discriminação positiva em relação a esse grupo de imigrantes. Ou seja, as bolivianas, as peruanas e as argentinas têm um acréscimo de 22%, 19% e 20% nos seus salários, respectivamente, que não são explicadas pelos atributos produtivos dessas trabalhadoras.

**Tabela 6** - Análise do componente discriminatório (variação não explicada da decomposição de Oaxaca-Blainder) de imigrantes internacionais

Origem	Componente discriminatório
Boliviana	22% ***
Paraguaia	6%
Peruana	19% **
Uruguaia	-3%
Argentina	20% ***

Fonte: IBGE, Censo demográfico 2010 (sub-amostra). Dados trabalhados pelas autoras.

\*\*\* significante ao nível de 1%; \*\* significante ao nível de 5%

Os resultados encontrados confirmam a literatura existente, já que apontam que há vários modos de incorporação dos imigrantes internacionais no mercado de trabalho e que nem todos estão em uma situação permanente de exploração e inferioridade (Portes e Manning, 2008 e Van Tubergen *et al* 2004). Para peruanas, paraguaias e uruguaias, por exemplo, não há evidências de desigualdades quanto à participação no mercado de trabalho e rendimentos salariais explicadas pela origem dessas trabalhadoras, comparadas às nativas. Para as bolivianas, por sua vez, há evidência de maior probabilidade de inserção no mercado local e para argentinas de acréscimo nos rendimentos. Foi, também, encontrado evidência de discriminação positiva, para as bolivianas, peruanas e argentinas indicando que essas imigrantes ganham mais do que deveriam receber, de acordo com suas características produtivas.

#### 4. Considerações finais

Nesse artigo, buscamos verificar, de forma exploratória a inserção das mulheres imigrantes no mercado de trabalho brasileiro. Faz parte de uma tentativa de retirar as mulheres migrantes da invisibilidade, no contexto dos fenômenos migratórios e dar luz a esse fenômeno. Para tanto, investigamos se a empregabilidade e os rendimentos salariais das imigrantes latinas – argentinas, paraguaias, peruanas, bolivianas e uruguaias- no Brasil variam pela discriminação no mercado local, comparado às migrantes interestaduais nativas.

Os resultados encontrados confirmam a literatura existente, já que apontam a existência de vários modos de incorporação dos imigrantes internacionais no mercado de trabalho e que nem todos estão em uma situação permanente de exploração e inferioridade (Portes e Manning, 2008 e Van Tubergen *et al* 2004). Para empregabilidade, por exemplo, nota-se que as bolivianas apresentam maiores chances de estarem inseridas do que as migrantes nativas. Já os demais grupos têm as mesmas probabilidades do que as mulheres brasileiras de estarem ocupadas. Quanto aos salários, observa-se que apenas as argentinas têm efeito significativo da origem nos rendimentos, apresentando, nesse caso, acréscimo de 16% no salário, em média. Já quanto à análise da discriminação, notamos bolivianas, peruanas e argentinas têm seus atributos mais valorizados do que as brasileiras, refletindo em uma situação de discriminação positiva no mercado. Isto é, essas imigrantes recebem mais do que deveriam receber, dado seus atributos produtivos.

Dessa forma, o que observamos é que o mercado de trabalho brasileiro é, parcialmente, um gerador de desigualdade e que, ao contrário do esperado, as variáveis relativas à origem das trabalhadoras não explicam, para todos os grupos étnicos (paraguaios, peruanos, uruguaios), a empregabilidade e os rendimentos no mercado de trabalho. Nesse sentido, sugerem-se a realização de mais estudos acerca das outras variáveis explicativas sobre a inserção das mulheres imigrantes no mercado de trabalho.

## 5. Referências bibliográficas

ARIZA, M. **Migración y mercados de trabajo femeninos en el contexto de la globalización. Trabajadoras latinas en el servicio doméstico en Madrid y Nueva York** III Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población Córdoba, Argentina 2008.

BARROS NOCK, M. **Entrepreneurship and gender relations. The case of mexican migrants in rural California.** Coloquio Internacional sobre Migración y Desarrollo: Migración, Transnacionalismo y Transformación Social. Mexico 2006.

BECKER, G. Investment in human capital: a theoretical analysis. **Journal of Political Economy**, v. 70, n. 5, p. 9-49, 1962. Disponível em: < <http://www.jstor.org/discover/10.2307/1829103?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21102550299623> >.

BORJAS, G. J. The economics of immigration. **Journal of Economic Literature**, v. 32, n. 4, p. 1667-1717, 1994. Disponível em: < <http://www.jstor.org.ez27.periodicos.capes.gov.br/stable/pdfplus/2728791.pdf?acceptTC=true> >.

CHISWICK, B. R. Are immigrants favorably self-selected? **The American Economic Review**, v. 89, n. 2, p. 181-185, 1999. Disponível em: < <http://www.jstor.org/pss/117103> >.

DIAS JÚNIOR, C. S. **Comportamento reprodutivo: Uma análise a partir do grupo ocupacional das mulheres.** 2007. (Doutorado). Cedeplar, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

ESTATÍSTICA, I.-I. B. D. G. E. Censo demográfico brasileiro 2010. Rio de Janeiro, 2010.

FLEISCHMANN, F.; DRONKERS, J. unemployment among immigrants in European labour markets: an analysis of origin and destination effects. **Work, employment and society**, v. 24, n. 2, p. 337-354, 2010. Disponível em: < <http://www.eui.eu/Personal/Dronkers/articles/Work2010.pdf> >.

HASENBALG, C.; VALLE SILVA, N. D. **Origens e destinos - desigualdades sociais ao longo da vida.** Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. ISBN:. Disponível em: < [http://www.travessa.com.br/ORIGENS\\_E\\_DESTINOS\\_DESIGUALDADES\\_SOCIAIS\\_AO\\_LONGO\\_DA\\_VIDA/artigo/98a06b12-69d5-490a-9f5b-34e3e051942d](http://www.travessa.com.br/ORIGENS_E_DESTINOS_DESIGUALDADES_SOCIAIS_AO_LONGO_DA_VIDA/artigo/98a06b12-69d5-490a-9f5b-34e3e051942d) >.

JONG, G. F. D.; MADAMBA, A. B. A double disadvantage? Minority group, immigrant status, and underemployment in the United States. **Social Science Quarterly**, v. 82, n. 1, p. 117-129, 2001.

KESLER, C.; HOUT, M. Entrepreneurship and immigrant wages in US labor markets: A multi-level approach. **Social Science Research**, v. 39, n. 2, p. 187-201, Mar 2010. ISSN 0049-089X. Disponível em: < <Go to ISI>://000274586600001 >.

MINCER, J. Investment in human capital and personal income distribution. **Journal of Political Economy**, v. 66, n. 4, p. 281–302, 1958. Disponível em: < <http://www.jstor.org/discover/10.2307/1827422?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21102550299623> >.

NEE, V.; SANDERS, J. Understanding the diversity of immigrant incorporation: a forms-of-capital model. **Ethnic and Racial Studies**, v. 24, n. 3, p. 386-411, May 2001. ISSN 0141-9870. Disponível em: < <Go to ISI>://000168803300002 >.

OSO, L.; RIVAS, N. **Empresariado étnico y relaciones de género: mujeres dominicanas y marroquíes en Madrid y Barcelona. Mujeres inmigrantes latinoamericanas y empresariado étnico: dominicanas en Madrid**. Fundación Cidob. Barcelona, Espanha, p.211-228. 2007

PERES, R. G. **Mulheres na Fronteira: a migração de bolivianas para Corumbá-MS**. 2009. 240p (Doutorado). Departamento de Demografia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

\_\_\_\_\_. A imigração de bolivianas na fronteira: desafios teórico-metodológicos. In: BAENINGER, R. (Ed.). **Imigração boliviana no Brasil**. Campinas: NEPO, FAPESP, CNPq, Unfpa, 2012. p.271-295.

PIORE, M. **Birds of passage: Migrant labor and industrial societies**. Cambridge University Press Cambridge, 1979.

PORTES, A.; MANNING, R. D. The Immigrant Enclave: theory and Empirical Examples. In: GRUSKY, D. B. (Ed.). **Social stratification: class, race, and gender in sociological perspective**. 3. Boulder, CO Westview Press, 2008. p.516–528.

PORTES, A.; RUMBAUT, R. G. **Legacies : the story of the immigrant second generation**. Berkeley, Calif. [u.a.]; New York, NY: University of California Press ; Russell Sage Foundation., 2001. ISBN 0520228472 9780520228474 0520228480 9780520228481.

REYNERI, E.; FULLIN, G. Labour market penalties of new immigrants in new and old receiving West European countries. **International Migration Journal**, n. 593, p. 1-27, 2009. Disponível em: < [http://www.sociologia.unimib.it/DATA/Insegnamenti/13\\_3334/materiale/2.5.%20imig\\_593\\_intro\\_p roof.pdf](http://www.sociologia.unimib.it/DATA/Insegnamenti/13_3334/materiale/2.5.%20imig_593_intro_p roof.pdf) >.

RIBEIRO, C. A. D. C. Classe, raça e mobilidade social no Brasil. **Dados - Revista de Ciências Sociais**, v. 49, n. 4, 2006. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0011-52582006000400006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582006000400006&lng=en&nrm=iso) >.

\_\_\_\_\_. **Estrutura de classe e mobilidade social no Brasil**. São Paulo: Edusc, 2007.

ROBERT, E. Mirada global sobre el nexo entre migración, remesas y desarrollo. In: ARAGONÉS, A. M. O. (Ed.). **Mercado de trabajo y migración internacional**. México: UNAM, Instituto de investigaciones económicas, 2011. p.233-252.

SALA, G. A. **Características demográficas e sócio-ocupacionais dos migrantes nascidos nos países do Cone Sul residentes no Brasil**. 2005. 243p (Doutorado). Departamento de Demografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.



SANDERS, J.; NEE, V. Limits of ethnic solidarity in the enclave economy. **American sociological review**, v. 52, n. 6, p. 745-773, 1987.

SANTOS JÚNIOR, E. D. R. D.; MENEZES-FILHO, N.; FERREIRA, P. C. Migração, seleção e diferenças regionais de renda no Brasil. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, v. 35, n. 3, p. 299-332, 2005. Disponível em: < <http://www.ppe.ipea.gov.br/index.php/ppe/article/viewFile/47/25> >.

SASSEN, S. Dos enclaves en las geografías globales contemporáneas del trabajo. In: ARAGONÉS, A. M. O. (Ed.). **Mercado de trabajo y migración internacional**. México: UNAM, Instituto de investigaciones económicas., 2011. p.139-194.

SILVA, N. D. V. Cor e o processo de realização sócio-econômica. **Dados – Revista de Ciências Sociais**, v. 24, n. 3, p. 391-409, 1981.

VAN TUBERGEN, F.; MAAS, I.; FLAP, H. The economic incorporation of immigrants in 18 western societies:origin, destination, and community effects. **American Sociological Review**, v. 69, n. 5, p. 704-727, 2004. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/3593035> >.

VILELA, E. M. Desigualdade e discriminação de imigrantes internacionais no mercado de trabalho brasileiro. **Dados - Revista de Ciências Sociais**, v. 54, n. 1, p. 89-129, 2011. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0011-52582011000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582011000100003&lng=en&nrm=iso) >.

VILELA, E. M.; COLLARES, A. C. M.; AYER DE NORONHA, C. L. **A situação socioeconômica de minorias étnico/raciais no mercado de trabalho brasileiro**. 36º Encontro Anual da Anpocs. Águas de Lindóia: ANPOCS 2012.

WILSON, K.; MARTIN, W. Ethnic enclaves: A comparison of the Cuban and Black economies in Miami. **American Journal of Sociology**, v. 88, n. 1, p. 135-160, 1982.

ZAVALA, E. M.; MORALES, O. W. Participación laboral y autoempleo de las mujeres mexicanas en Phoenix, Arizona. El caso de las estilistas. In: ARAGONÉS, A. M. O. (Ed.). **Mercado de trabajo y migración internacional**. México, 2011. p.195-232.

ZHOU, M. Revisiting ethnic entrepreneurship: Convergencies, controversies, and conceptual advancements. **International Migration Review**, v. 38, n. 3, p. 1040-1074, Fal 2004. ISSN 0197-9183. Disponível em: < <Go to ISI>://000225451500008 >.

## 6. Apêndices

**Apêndice 1** – Exponenciais dos estimadores (EXP(b)) das equações logísticas binomial para análise da empregabilidade

